

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA (\*)

---

ROMILLY (Jacqueline de), *Le temps dans la tragédie grecque*. J. Vrin, Paris, 1971.

Em 1931, Hermann Fraenkel publicou a sua obra pioneira (*Die Zeitauffassung in der archaischen griechischen Literatur*) sobre a formação e a elaboração do conceito de tempo na Grécia antiga. Mais recentemente, outros especialistas, entre os quais a autora do trabalho em questão, tem voltado a sua atenção para esse problema.

Hesíodo, Homero e os primeiros pensadores gregos pouco se ocuparam do tempo. A palavra *chronos*, que o designa, não aparece em Hesíodo, nunca é sujeito de verbo em Homero e pode ser encontrada apenas uma vez em Tales. Todavia, no século V a.C., nas obras de Píndaro e nas tragédias conservadas, o tempo tem um papel de grande destaque; mais de quatrocentas vezes a palavra *chronos* aparece nos autores trágicos. Essa frequência indica que o conceito de tempo já estava bastante desenvolvido e não é por acaso que o período de florescimento da tragédia coincide com a manifestação da consciência histórica entre os gregos.

Segundo Hermann Fraenkel, o gênero trágico estaria no fim da evolução da noção de tempo, mas a autora se propõe demonstrar que o conceito, tal como aparece nos três grandes trágicos, ainda está, no século V a.C., profundamente marcado por sua evolução anterior. Com seu estudo, Jacqueline de Romilly, pretende atingir um duplo objetivo: lançar um pouco de luz sobre um aspecto importante do universo interior dos autores e dar uma contribuição para a história das idéias e da psicologia.

Tempo e tragédia estão intimamente ligados. A tragédia se consagra a um acontecimento que vem romper a ordem e perturbar a vida dos personagens. Daí as diversas reflexões destes e do coro sobre o tempo. Mais ainda, a tragédia se passa num tempo estritamente delimitado — o de uma revolução do sol — e põe em jogo o passado e o futuro dos heróis centrais. Os trágicos gregos se viram, portanto, frente à necessidade de isolar a crise trágica, que constitui a tragédia propriamente dita, e, ao mesmo tempo, relacioná-la com o passado. Os procedimentos utilizados por cada um deles, no sentido de satisfazer essa exigência, são objeto de um exame cuidadoso da autora. Entre Ésquilo e Eurípides, uma evolução decisiva se processa.

---

(\*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica. (*Nota da Redação*).

A noção de tempo, tal como aparece na tragédia, não é, todavia, o nosso moderno conceito de duração abstrata. A autora mostra que a estrutura da tragédia grega, que consiste basicamente em episódios carregados de tensão interior interrompidos pelos cantos do coro, casa bem com a idéia de tempo cíclico, intimamente relacionada com a idéia de ordem universal (cosmos). Além disso, os temas tratados pelo coro são, com frequência, a negação do tempo. Cada um dos três grandes trágicos tem também a sua maneira peculiar de escapar ao tempo. No teatro de Ésquilo, os mortos continuam agindo e o passado se faz presente; Sófocles utiliza, com frequência, o processo da generalização, pelo qual um fato qualquer adquire um sentido universal. Na peça *Édipo em Colona*, a promessa de Teseu, que decide acolher Édipo em território ateniense, é seguida pelo coro célebre que glorifica Atenas.

Na tragédia grega, a consciência do tempo já está presente. Todavia, essa consciência era recente e estava marcada por sua evolução anterior. Isso é demonstrado, com grande habilidade, pela autora, no segundo capítulo do livro, cujo título é *O Tempo Personificado*. Em Ésquilo e em Sófocles, por exemplo, o tempo é sentido como uma presença viva, próxima dos homens e, às vezes, assumindo mesmo as transformações que a duração traz aos personagens. Daí as referências ao tempo “que envelhece” ou aos meses “que nasceram com Édipo”. Assim como o tempo, as forças psicológicas (as preocupações, o temor, o espanto, etc.) tem vida espacial independente: o temor “voa” (Agamemnon), a culpa “voa” (Eumênides) e até o próprio coração pode usurpar uma existência autônoma. “É o momento em que os sentimentos eram já sentidos em toda a sua força subjetiva e, entretanto, não estavam ainda integrados numa verdadeira vida interior”, diz a autora (pág. 47). O tempo aparece também como testemunha e como juiz: o tempo revela todas as coisas e mostra os defeitos dos homens. À medida que a noção de tempo se aproxima mais da de duração abstrata, as personificações se tornam mais precisas. Na época da tragédia, a noção de tempo já ganhara importância e precisão mas continuava a ser evocada em termos de mito.

Jacqueline de Romilly, professora na Sorbonne, dá, com esta obra, um passo a mais no caminho aberto por H. Fraenkel. Se, por vezes, a autora parece preocupada demais em obter argumentos que sustentem a sua tese, por outro, ela consegue, com isso, realizar um trabalho extremamente estimulante, cuja leitura certamente não deixará de provocar novas indagações, que levarão a um conhecimento ainda maior dos trágicos gregos. Ela demonstra, assim, que uma pesquisa original não é necessariamente aquela que tem como base documentos desconhecidos. Muito se pode descobrir de novo em textos já bastante estudados.

JÔNATAS BATISTA NETO

\*

\* \*